



O MUNDO PELAS PALAVRAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS: A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO LUGAR DE MEMÓRIA, IDENTIDADE E ENFRENTAMENTO DO RACISMO

Mariana Nunes Alves ¹
Michelle Yara da Silva ²
Luiz Antônio Callegari Coppi ³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compartilhar as experiências vivenciadas no CEI Maria Batrum Cury, localizado em Campinas, São Paulo, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. A proposta teve início com a leitura do livro “Carolina: Carolina Maria de Jesus” (2019), de Orlando Nilha, que narra a trajetória da escritora em uma estética de literatura infantil, para crianças de 3 a 5 anos da escola. A partir disso, diversas outras atividades foram realizadas com as crianças e suas famílias, em especial o convívio com boneca de pano negra, a Cacá, que passou a integrar o cotidiano escolar das crianças e frequentou suas casas durante os finais de semana. Refletindo sobre a importância do trabalho conjunto entre escola e família para a formação infantil e o comprometimento com uma educação antirracista, os familiares foram convidados a narrar as interações ocorridas durante a estadia da boneca em seus lares, desenvolvendo um novo “diário de uma favelada”, a partir dos relatos plurais das famílias. As crianças também participaram ativamente desse processo, com exposições orais e desenhos. A fundamentação teórico-metodológica do trabalho baseou-se em diversos escritores que discutem as infâncias, os Direitos Humanos e a educação antirracista, dando destaque a Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Kabengele Munanga e bell hooks. Os resultados obtidos revelam um interesse genuíno das crianças pela Carolina Maria de Jesus, envolvimento ativo das famílias e possibilidade de discussões ricas sobre as relações étnico-raciais dentro da educação infantil. A proposta contribuiu para realçar a importância do brincar e do vivenciar representativo e inclusivo dentro da educação infantil, além de deixar evidente o papel ativo que os docentes precisam assumir ao se comprometerem com o antirracismo.

Palavras-chave: Infâncias, Educação antirracista, Literatura infantil, Diversidade.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, m281504@dac.unicamp.br;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, m194711@dac.unicamp.br;

³ Professor orientador: Doutor, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de São Paulo – USP, lcoppi@unicamp.br.





INTRODUÇÃO

Segundo Silva e Furlan (2023), o conceito de infância surge epistemologicamente do latim *infans*, que sugere as crianças como seres incapazes de falar. É nítido que essa visão arcaica se manifesta dentro da Educação Infantil ao se assumir que as crianças são seres impossibilitados de pensarem por si próprios, dependentes em todas as esferas de seus responsáveis legais e professores. Ao se opor a essa linha de raciocínio, a Educação Infantil se mostra como um importante espaço de vivências, escutas, afetos e aprendizados variados. É preciso reconhecer as crianças como seres plurais, capazes de explorar suas criatividade e senso crítico, quando incentivadas através de práticas pedagógicas inclusivas e fundamentadas nos Direitos Humanos.

Nesse sentido, a escola se manifesta como um dos primeiros espaços sociais a gerar a sensação de reconhecimento como parte de um grupo, sendo viável citar como exemplo a escolha do “nome da turma” e seus diferentes usos ao longo do ano letivo, e a construção de identidade, relacionada às interações interpessoais entre colegas de turma, professores, auxiliares de sala, equipe de limpeza e cozinha, em suma, toda a comunidade escolar.

Para Sarmiento (2002), as crianças modernas atuam ativamente nos processos de criação de cultura, uma vez que criam novas linguagens e formas de convivência e participam politicamente da sociedade ao reivindicarem espaço e reconhecimento. A escola não possui o único papel de preparação para um futuro hipotético, distante e abstrato, mas se constitui como um espaço de vivências e transformações do presente.

O comprometimento com uma educação antirracista aparece, justamente, ao entender a importância da criação de espaços inclusivos de trocas, a fim de incentivar transformações no presente. Como Djamila Ribeiro narra em seu livro “Pequeno Manual Antirracista” (2019), foi aos seis anos que percebeu que ser negra era um problema para a sociedade, uma vez que as pessoas negras são levadas a refletir sobre sua condição racial. Ocorreu uma ruptura entre a realidade protagonizada em seu contexto familiar, onde descreve como normal ser negra, e o momento do início da escolarização e, conseqüentemente, do contato com falas de cunho racista.

A turma AGIII D, “Turma da Onça-pintada”, do CEI Maria Batrum Cury, localizado em Campinas, São Paulo, vivia um contexto bastante similar ao relatado pela autora, de





reprodução de falas e xingamentos racistas entre as próprias crianças. A escola, que tem mais de 40 anos de atuação na Vila Perseu Leite de Barros, foi criada a partir de lutas populares, que visavam ao acesso aos cuidados e à educação das crianças do bairro.

O CEI Maria Batrum Cury participa do projeto Educação em Direitos Humanos, pertencente ao Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e financiado pelo MEC/Capes.

Para cada turma da escola foi designado ao menos um bolsista, responsável por acompanhar a turma durante todo o ano de 2025. Durante as visitas semanais de quatro horas, observaram-se as atitudes de exclusão das demais crianças com a criança de pele retinta da turma, além das falas citadas anteriormente. Além disso, nos “cantinhos de brincadeira”, onde eram disponibilizados diversos jogos, brinquedos e materiais de arte para as crianças explorarem como desejarem todo começo de tarde, os bonecos negros eram sempre menosprezados e evitados.

A turma da Onça-pintada possui uma boneca branca, que acompanha as crianças durante as atividades pedagógicas e no período de almoço. A boneca “Lili” era muito querida pelas crianças, que sempre pediam mais tempo com ela. Refletindo sobre esse apego com a “mascote” da sala, decidiu-se pela criação de uma segunda mascote, uma melhor-amiga, que possuísse relação direta com o universo literário brasileiro de protagonismo preto. O Núcleo de Educação Infantil do Projeto de PIBID Educação em Direitos Humanos apresentou como meta o desenvolvimento de uma proposta de intervenção vinculada à literatura. Pensando sobre isso, recorreu-se à biblioteca do CEI Maria Batrum Cury, com o objetivo de verificar possibilidades. A biblioteca da escola apresenta muitos exemplares da “Coleção Black Power”, da Editora Mostarda, e foi analisando as opções, juntamente com a professora da turma, que se selecionou a Carolina Maria de Jesus. Para trabalhar a escritora com as crianças, o projeto foi desenvolvido com o livro “Carolina: Carolina Maria de Jesus” (2019), de Orlando Nilha.

Nascida em 14 de março de 1914, na cidade de Sacramento em Minas Gerais, Carolina Maria de Jesus teve pouco acesso ao ensino regular. Oriunda de uma família muito pobre,



estudou durante dois anos no Colégio Allan Kardec, sustentada por uma senhora à qual sua mãe prestava serviços como lavadeira. Ao se mudar para São Paulo em 1937, Carolina passou a residir com seus três filhos, João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima, na favela do Canindé. Para sobreviver, recolhia papéis, ferros e outros materiais recicláveis. Foi nos pedaços de papéis e cadernos encontrados pelos cantos, que Carolina passou a narrar suas memórias, expondo o cotidiano da cidade de São Paulo. Vivia nela uma enorme paixão pelos livros, pela escrita e pela leitura.

Em 1950, o jornalista Aurélio Dantas realizou uma visita à favela e presenciou Carolina se opondo a um grupo pequeno de homens que destruíam os brinquedos da praça onde se encontrava. O jornalista ficou ainda mais encantado ao tomar conhecimento dos relatos da escritora. Publicou seus textos sob o título de “Quarto do Despejo”, em 1960, que foram um sucesso na época e possibilitaram a Carolina escrever outros livros, sendo eles “Casa de Alvenaria” (1961), “Pedaços de Fome” (1963), “Provérbios” (1963), além de “Diário de Bitita” (1982), com publicação póstuma.

Toda sua trajetória está presente no livro “Carolina: Carolina Maria de Jesus” (2019), de Orlando Nilha, que foi lido todas as sextas-feiras com as crianças. Do mesmo autor, também foi lido “Carolina”, com imagens mais arredondadas e história mais curta. Em conjunto com as rodas de leitura, introduziu-se no contexto da turma a “Carol”, uma boneca de pano negra, que personificava a escritora de forma lúdica. Como já existia uma funcionária na escola com esse apelido, as crianças se dividiram entre chamá-la de “Cacá”, nome que teve maior adesão, e “Cacau”, usado por uma menina negra em específico.

Fotos I, II e III: Registros da proposta.



Fonte: Acervo pessoal.





Nas seções de leitura, foram discutidos aspectos da trajetória de Carolina Maria de Jesus, sendo seu vestido de estrelas, seus filhos, sua prisão e a quantidade de livros ao seu redor em uma das páginas, os temas preferidos. Cacá passou a frequentar os espaços escolares, convivendo e se tornando peça viva da turma. Ao final da roda, uma criança era sorteada semanalmente para levar Cacá para casa. Junto com ela, também ia o livro em questão e um caderno de registros.

Apesar de as primeiras famílias não terem realizado registros escritos, narraram suas experiências em conversas informais. Com o avançar do projeto, surgiram fotos, desenhos e narrações escritas pelos pais. Os relatos das crianças também foram um importante recurso de pesquisa, uma vez que a proposta visava reconhecer suas vozes, garantindo seu papel central e ativo durante o projeto.

Em síntese, o projeto teve como objetivo principal o combate ao racismo entre os alunos da Educação Infantil por meio de elementos lúdicos introduzidos em seu cotidiano, como a contação de histórias, que apresentou a biografia de Carolina Maria de Jesus, uma das mais importantes figuras negras da literatura brasileira, e a introdução da boneca Cacá, que fez com que a história de Carolina fosse disseminada também para as famílias, de forma a criar conscientização para além do ambiente escolar.

METODOLOGIA

O processo metodológico teve início com uma breve análise dos exemplares disponíveis na biblioteca da escola da “Coleção Black Power”, feita pela Editora Mostarda. Além de muitos livros dessa coleção estarem à disposição das crianças no “cantinho da leitura” na sala de aula, onde eles têm livre acesso sem restrições de horários, muitos outros se encontram em estantes baixas, na altura das crianças, para serem lidos durante as visitas à biblioteca ou emprestados e levados para casa aos finais de semana. Livros de outras edições também se fazem presentes.

Uma análise detalhada dos exemplares com protagonismo feminino negro foi realizada, e, juntamente com a professora da turma, selecionou-se livro *Carolina: Carolina Maria de Jesus* (2019), de Orlando Nilha. A partir disso, adquiriu-se uma boneca de pano negra, a fim de se tornar “Carol”, a “nova mascote da turma”. Entretanto, como já existia uma funcionária na escola com esse apelido, as crianças criaram novos, como “Ca” e “Cacau”,





sendo o escolhido por fim o mais sonoro para elas, “Cacá”. Cacá é uma forma de aproximar as crianças a uma figura negra a partir de um elemento cotidiano: a boneca. Dessa forma, espera-se que a diferença entre tons de pele se torne algo natural e não cause estranhamentos.

A proposta foi apresentada durante o momento da roda, que acontece cotidianamente após os cantinhos de brincadeiras, jogos e expressões artísticas serem recolhidos pelas próprias crianças. Sentada em círculo, a turma pôde conhecer a Cacá, que passou entre as crianças para as devidas apresentações com muitas demonstrações de afeto, como abraços. Em seguida, foi realizada a primeira leitura do livro e explicado como funcionariam as dinâmicas na escola e em casa.

Na escola, a Cacá começaria as tardes com eles, participando das atividades propostas nos “cantinhos” e passando de mesa em mesa para que todos pudessem brincar com ela. Depois da organização da sala, todos sentavam em roda e era feita a leitura do livro e suas discussões, com pautas levantadas pelas crianças. Ainda sentados em roda, ocorria o sorteio de quem levaria a Cacá para casa naquele final de semana. A criança passava a ser a responsável pela boneca, mas todos seguiam brincando e interagindo com ela.

Durante as atividades de integração com as demais turmas de AGIII, Cacá também poderia ser levada para andar de motoca, principal atividade realizada às sextas-feiras. Após as brincadeiras, ocorre a pausa para o almoço e as crianças têm liberdade de levarem a Cacá com elas, segurando-a embaixo dos braços ou a colocando sentada nas cadeiras para as crianças menores. Depois disso, a Cacá voltava para a sacola e a criança sorteada a deixava ao lado de sua mochila antes de ir ao parque brincar. Entretanto, como as crianças eram livres para agirem em relação à boneca, Cacá muitas vezes foi à biblioteca, ao parque, ao jardim sensorial, e as leituras foram feitas em outros momentos e englobaram outros agentes da escola.

Os responsáveis eram notificados da ida da Cacá para a casa, solicitando que fosse realizado o registro no caderno. Preferencialmente, os pais descreveriam como foi o final de semana e a criança desenharia. Quando a criança retornasse à escola na semana seguinte, ela mostraria seus registros e contaria suas experiências no momento da roda, com mediações necessárias para que fossem cumpridos os objetivos propostos. Esses relatos criaram um “novo diário da Cacá”, que eterniza essas vivências significativas. Ao descobrirem que a





“Cacá” não havia escrito o livro que estavam lendo, as crianças apresentaram interesse nos escritos da autora e foram apresentados trechos durante a roda.

A proposta possui um enfoque qualitativo e interpretativo, permitindo que as crianças sejam as principais autoras do que e como serão realizadas as atividades. Contrariando a lógica capitalista que vem avançando sobre a pesquisa e a educação, apresentou-se às crianças como um ponto de partida a problemática das falas e atitudes racistas e, com as responsáveis agindo como mediadoras, deixou-se que elas pudessem aprender através da leitura, do afeto, da brincadeira e da identificação. Ao contrário de resultados quantitativos, a proposta enfatizou o processo formativo dentro de uma proposta de educação com enfoque nos Direitos Humanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados qualitativos obtidos a partir das observações e relatos referentes à proposta pedagógica “O mundo pelas palavras de Carolina Maria de Jesus”, desenvolvida no CEI Maria Batrum Cury, em Campinas - SP, apontam que a Educação Infantil pode constituir-se como um lugar de memória, construção de identidades e enfrentamento do racismo quando essas dimensões são intencionalmente trabalhadas com as crianças.

Em seu livro *Ensinando a Transgredir: a Educação como prática da liberdade* (2013), bell hooks discorre sobre a pedagogia engajada. Para a autora, educar como prática de liberdade consiste em encontrar maneiras para que todos possam aprender, é um ato de amor e coragem. Juntamente com a professora, os conhecimentos são construídos em coletivo, valorizando os processos e a diversidade. A expressão do aluno precisa ser respeitada e incentivada, de modo que a sala de aula se torne um ambiente de crescimento para todos.

Desde o primeiro contato com a história da Carolina Maria de Jesus, as crianças demonstraram interesse e entusiasmo em relação à mais nova integrante da “Turma da Onça-pintada”, curiosas com a cidade onde morava, seu amor pela literatura, seu vestido com pedaço do céu, suas dificuldades ao morar em São Paulo, seus escritos, sua prisão injusta, a viagem de avião, o jornalista Aurélio Dantas e o cachorro que aparece no canto da página em que é introduzido na história, as capas das muitas edições internacionais do livro “O Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, as pessoas que conheceu e sua vida após se mudar de São Paulo para o interior.





A primeira roda de conversa foi movida pelo anseio de conhecer e apresentou-se o livro “Carolina: Carolina Maria de Jesus”. Como essa edição apresenta muitos detalhes, a leitura foi adaptada ao público de três a cinco anos, de modo que fosse um momento proveitoso. Eles se engajaram com a história, fazendo comentários, apontando elementos e correlacionando com vivências próprias. Ao se depararem com a cena da prisão, demonstraram revolta e defenderam Carolina, afinal estavam fazendo o mesmo: ler. Algumas crianças, que já haviam reproduzido falas racistas, reafirmaram esse comportamento no que diz respeito à personagem do livro. Esses comentários foram rebatidos reafirmando a beleza dos cabelos e tom da pele escura, além de sua importância para a cultura brasileira.

Duas semanas após a primeira leitura, a menina que apresentou a maior parte dessas falas passou a se identificar como preta e mostrar semelhanças entre ela e a boneca com orgulho. Em outubro, todas as falas racistas deixaram de ser reproduzidas.

Como a boneca branca, “Lili”, ficou guardada durante a primeira leitura, eles solicitaram sua presença e as declararam melhores amigas. Em muitos momentos, as brincadeiras aconteceram com ambas, mostrando uma união entre elas. Em determinado momento do livro, aparece a figura da Clarice Lispector, e eles questionam sua presença. Houve a associação da boneca branca com a escritora por parte de um pequeno grupo.

Entretanto, no decorrer do primeiro contato, conflitos aconteceram durante a ida ao almoço, sendo necessário intervenção. Surgiram comentários em relação à posse, com crianças alegando propriedade em relação à boneca. Apesar de conflitos do gênero ainda acontecerem eventualmente, as crianças aprenderam a compartilhar e resolver essas questões com autonomia. Durante os sorteios, essa ansiedade se faz mais presente, mas, atualmente, todos entendem as dinâmicas e esperam pela sua vez.

Às sextas-feiras realizavam-se atividades de integração e as crianças se reuniam para brincar com ela e andar de motoca com a boneca em sua garupa. Progressivamente, Cacá foi se tornando o centro da brincadeira e atitudes de exclusão desapareceram aos poucos até não serem mais observadas. No período de almoço, epicentro dos principais conflitos devido à boneca, as crianças passaram a alimentar Cacá em conjunto, discorrendo sobre onde sentaria e o que gostaria de comer do cardápio do dia.





Em uma das visitas à biblioteca, as crianças encontraram um exemplar do livro e apontaram, fazendo questão de comentar que era a Cacá. Conseguiram a diferenciar de outras protagonistas negras, como ao fazerem a leitura do livro “Amoras”, do Emeicida.

Além das leituras do livro e o convívio com a boneca, as crianças puderam pintar estampas para vestidos para ela, como aparece no livro. Como elas possuem muito carinho pela Cacá, a tarefa foi tratada com seriedade e outros acessórios, como sapatos e bolsas, foram produzidos. Também demonstraram interesse pelos escritos originais da escritora, apesar de não compreenderem bem suas palavras inicialmente.

A respeito das visitas da boneca às casas das crianças aos finais de semana, todos os relatos apresentam a brincadeira como principal atividade. Os pais narram a alegria das crianças em ter a boneca em casa e como haviam aguardado ansiosamente pela sua vez. Além de brincar com familiares e vizinhos, Cacá frequentou o Bosque dos Jequitibás, um parque localizado na região central de Campinas, duas vezes, o mercado e o shopping, também assistiu a desenhos, andou de carro, pintou, fez piquenique e dormiu com as crianças. Conclui-se que todas as famílias integraram a boneca em seu convívio e durante os relatos em sala, ficou evidente o quão agradável foi a experiência para as crianças. O “novo diário de Cacá” reuniu esses relatos escritos, fotos e desenhos, registrando esses momentos especiais.

A presença de Carolina Maria de Jesus, personificada através da boneca Cacá, desafia as estruturas que fundamentam o racismo estrutural. Para Sueli Carneiro, esse sistema de dominação opera a partir das instituições sociais, relações de poder, práticas, saberes e subjetividades marcadas pela racialidade, que perpetuam o ciclo de violência e exclusão ao qual a população negra é submetida. A opressão exercida pelo Dispositivo de Racialidade sempre produzirá resistências. Cacá se mostra às crianças como um ato de resistência, a qual foi amplamente abraçada.

Segundo Kabengele Munanga, o grande desafio da educação no enfrentamento ao racismo é assumir que a lógica científica, ou seja, a igualdade biológica, é suficiente para combater o preconceito dos estudantes, que possui raízes no imaginário e nas representações coletivas negativas. Sendo assim, o combate ao racismo dentro da escola só se torna efetivo quando os educadores propõem práticas que ultrapassem a lógica da razão pura e alcancem o imaginário dos alunos, a fim de superar os preconceitos ocultos na psique. Cacá se mostrou





como uma manifestação concreta do imaginário infantil, transformando as representações negativas das crianças em concepções positivas de diversidade e empoderamento negro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, é possível concluir que, apesar das políticas antirracistas presentes na educação do município de Campinas, fazem-se necessárias intervenções adicionais desde o ingresso na escola. A partir da presença de Cacá e da história de Carolina Maria de Jesus na escola e nas famílias dos alunos da “Turma da Onça Pintada” do Centro de Educação Infantil Maria Batrum Cury, foi possível observar que uma intervenção lúdica e simples tem capacidade de influenciar diretamente o comportamento das crianças em relação às diferenças raciais. Além disso, a atividade foi capaz de criar uma noção importante de cuidado com o próximo ao fazer as crianças assumirem o compromisso de estar com a boneca por tempo determinado e devolvê-la nas mesmas condições para que o próximo pudesse desfrutar, também, da companhia da boneca na sexta-feira seguinte.

Ao longo dos meses em que o projeto entrou em ação, a atitude das crianças se transformou significativamente. A primeira mudança percebida foi em relação a uma menina negra, que usufruía de todas as designações possíveis como “marrom” e “morena”, para não se reconhecer como negra. Em duas semanas de leitura e contato com a Cacá, ela passou a se definir como “negra” e demonstrar orgulho ao fazê-lo.

Cacá também uniu as crianças na hora da brincadeira, em especial as meninas. Ofensas com relação à beleza e ao cabelo foram desaparecendo periodicamente, até não serem mais presenciadas. As crianças passaram a se juntar todas em uma única mesa durante os “cantinhos”, para cuidar dos machucados da Cacá ou a alimentar com pratos feitos com massa de modelar. Como a boneca estava na mesa, todos se reuniam em volta dela. Quando não, Cacá era passada entre eles, para que todos pudessem brincar.

Direcionando um olhar para a experiência compartilhada com as famílias, é possível afirmar que o convívio com a boneca Cacá possibilitou romper com o perigo de uma história única, conforme propõe Chimamanda Adichie. Ao entrar dentro dos lares, Cacá protagonizou, juntamente ao núcleo familiar visitado, novas narrativas compartilhadas. A partir disso, novas histórias passaram a constituir a boneca, que serviram para construir olhares mais amplos e





sensíveis sobre o sujeito negro, humanizando-o e abrindo espaço para a empatia e para o reconhecimento.

Em adição, concluiu-se que a abordagem do tema Direitos Humanos desde a infância, no início da vida escolar, tornou o tema cotidiano sem abordar a negritude apenas pelo viés do sofrimento. Cacá foi um instrumento para mostrar pluralidade e provar para as crianças que o sujeito negro pode e deve ser visto para além de sua pele, de forma a valorizar suas experiências e história, que são particulares e essenciais para romper o ciclo do preconceito.

REFERÊNCIAS

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KOHAN, Walter Omar. **Infância:** entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola. 2. ed. rev. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), 2005. 204 p.

NILHA, O. **Carolina: Carolina Maria de Jesus** (1.^a ed.). Sumaré: Editora Mostarda, 2019.

NILHA, O. **Carolina** (1.^a ed.). Sumaré: Editora Mostarda, 2022.

PEREIRA, Maria L. I. E. M.; INGLEZ-MAZZARELLA, Tatiana. (2009). A escola como espaço grupal. **Psicologia em Estudo**, Higienópolis, v. 6, n. 2, 2009. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902009000200008. Acesso em 12. out. 2025.





PAIVA, Núbia S. G.; NUNES, Liliâne G. A.; DEUS, Mariana F. de. A construção da identidade da criança na educação infantil numa perspectiva histórico-cultural. **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, v. 7, n. 11, p. 85-96, 2010. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/olhasesetilhas/article/view/13903>. Acesso em: 12 out. 2025.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SARMENTO, Manuel Jacinto (2004). “As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade”, in M.J. Sarmento, e A. B. Cerisara, (Coord.), **Crianças e miúdos**. Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto. Asa. (9-34)

SILVA, Alex Sander da; FURLAN, Marta Regina. Infâncias, experiências e os sentidos de ser criança negra na educação infantil. **Zero - a - Seis**, Florianópolis, v. 25, n. 47, p. 92-111, jan./jun. 2023. DOI:10.5007/1980-4512.2023.e90944.

SILVA, Marcos Aurélio Soares da; SILVA, Maurício. **Dispositivo de Racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. *Dialogia*, São Paulo, n. 51, p. 1-5, set./dez. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/51.2024.26177>. Acesso em: 10 out. 2025.

UFMG. **LiterAfro**: Autoras — Carolina Maria de Jesus. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em: 12 out. 2025.

